



O USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO: UMA ABORDAGEM SOBRE O ENSINO A DISTÂNCIA

RONDINELI RIBEIRO SILVA; DAYANE FERREIRA GONÇALVES; ANA CAROLINA MARTINS DE SOUSA

RESUMO

A utilização pedagógica das tecnologias de informação e comunicação não constitui um fato novo, porém, a gama das tecnologias usadas e o seu grau de complexidade mudou com o passar do tempo. A modalidade do Ensino a Distância (EAD), sofreu grandes mudanças com as novas tecnologias de informação e comunicação (TIC's), e estas trouxeram uma nova perspectiva e maior facilidade de acesso à educação superior, além disso, o período de Pandemia levou a todos, inclusive a educação básica, a esta realidade. Porém, toda inovação traz questionamentos e controvérsias. O presente trabalho foi realizado utilizando-se da pesquisa exploratória, ou seja, de uma metodologia de pesquisa de levantamento bibliográfico em materiais já publicados. O estudo demonstrou que apesar da EAD ou do Ensino Remoto permitir a continuidade do ensino regular no período de distanciamento provocado pela pandemia e ter promovido a oportunidade de acesso a cursos de graduação e especialização, devido a fatores relevantes como disponibilidade, tempo, distância e fator econômico, esta modalidade ainda tem gerado desconfiança e algumas vezes discriminação, a partir do questionamento da ética e do compromisso com a formação de seus educandos. Seja no modelo presencial ou à distância, o comprometimento de todos os envolvidos: instituições, professores, alunos e os governos, são fundamentais para que seja garantido o direito a aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino a Distância; Tecnologias de Informação e Comunicação; Ensino Remoto; Educação Digital; Ferramenta Educacional.

1 INTRODUÇÃO

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) considera as tecnologias educacionais como aliadas no processo da aprendizagem de alunos da educação básica. A pandemia veio confirmando isso apesar de, de modo geral, tanto os professores como os alunos, principalmente da rede pública, não terem sido adequadamente preparados para utilizá-las como ferramenta educacional. Esse cenário nos faz pensar se seria possível utilizar ferramentas as quais os estudantes tenham mais interesse e mais afinidade, e quais outros fatores sociais também estão relacionados a esta dificuldade de utilização das mesmas.

Décio Auler (2001) argumenta que a Alfabetização Científico-Tecnológica (ACT) é de fundamental importância para a sociedade uma vez que estamos numa dinâmica social crescentemente relacionada ao desenvolvimento científico-tecnológico. Para ele, a ACT abarca um aspecto bastante amplo de significados, traduzidos por meio de expressões como popularização da Ciência, divulgação científica, entendimento público da ciência e democratização da Ciência.

A modalidade do ensino a distância (EAD), trouxe uma nova perspectiva e maior facilidade de acesso à educação superior, além disso, o período de Pandemia levou a todos, inclusive a educação básica a esta realidade. Porém, toda inovação traz questionamentos e controvérsias. Se a EAD promoveu oportunidades de se entrar em cursos de graduação e

especialização, devido a fatores relevantes como disponibilidade, tempo, distância, fator econômico, aumento do mercado virtual e acesso à internet geraram também, desconfiança e discriminação. Atualmente, após restrições do MEC em relação a determinadas instituições no âmbito educacional e que promoviam essa modalidade de forma ao menos duvidosa, temos por outro lado, instituições de ensino altamente conceituadas investindo nesse tipo de ensino. Por isso, nos cabe à pergunta, a educação a distância está deixando de ser uma modalidade marginal para tomar uma posição de prestígio, ou a realidade social não permite mais que a educação distancia seja colocada à margem do processo educacional?

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O artigo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa exploratória, ou seja, utilizando-se de uma metodologia de pesquisa de levantamento bibliográfico em materiais já publicados, como livros, leis de diretrizes e artigos científicos, selecionados tendo como critério as palavras-chaves relacionadas com a temática da pesquisa. Foi realizada primeiramente uma leitura exploratória de modo a escolher as bibliografias relevantes para a análise e logo após foi realizado uma leitura seletiva de modo a aprofundar-se assunto.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O momento social da pandemia do Coronavírus trouxe grandes desafios sociais. A educação foi uma das áreas impactadas, uma vez que o ensino passou a ser feito de forma remota sem que os professores e alunos estivessem se preparado para tal. Além disso, a desigualdade social no que se refere ao acesso à internet, computadores e dispositivos eletrônicos pelas camadas mais pobres da população gerou defasagem no ensino.

O uso das tecnologias da informação e comunicação (TICs) trouxe uma nova relação entre o aluno e professor, além de colocar em evidência uma diferente maneira de aprender o que demanda a formulação de novas estratégias para o ensino.

E para tal é necessário entendermos como a pandemia do novo coronavírus (COVID-19) que acometeu o planeta nos últimos anos e como ela impactou vários setores da sociedade, principalmente a educação.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), pandemia é a “disseminação mundial de uma nova doença e o termo passa a ser usado quando uma epidemia, surto que afeta uma região, se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa” (SCHUELER, 2021). A Coronavirus Disease-19, popularmente chamada de COVID-19, foi notificado pela primeira vez em dezembro de 2019 em Wuhan, no sul da China, e rapidamente o número de pessoas infectadas foi aumentando e a doença chegou a outros países da Ásia, Europa, e demais continentes. O Ministério da Saúde em 26 de fevereiro de 2020 confirmou o primeiro caso de COVID-19 no Brasil, na cidade de São Paulo e em 11 de março do mesmo ano, a OMS declarou que se tratava de uma pandemia devido aos milhares de casos já contabilizados em todo o mundo (OLIVEIRA; LISBÔA; SANTIAGO, 2020).

Muito especialistas afirmam que o Brasil enfrentou a maior crise sanitária da sua história recente, com implicações não apenas na saúde, mas também na política, no campo econômico, social e educacional. Isto porque a pandemia do COVID-19 implicou na adoção de protocolos sanitários de isolamento social como medida de contenção da propagação do vírus, o que resultou no fechamento de vários estabelecimentos, um destes, as escolas.

Pesquisas indicam que o déficit na alfabetização dobrou com a pandemia. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), os dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) o percentual de crianças com dificuldade para ler e escrever passou de 15,5%, em 2019, para 33,8% em 2021 (BORGES, 2022). A necessidade repentina do ensino remoto devido aos protocolos sanitários exigidos aproximou

os alunos das ferramentas tecnológicas. A pergunta que fica é se esse novo cenário, bem como as mudanças que ele trouxe, contribuiu para a aproximação dos educandos das tecnológicas.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), documento que determina as diretrizes para a Educação Básica, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio propõe o uso de tecnologias pelas escolas e professores a fim de que os alunos possam utilizá-las com domínio, de maneira crítica e responsável, colocando-as como a quinta competência geral da educação básica:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL (a), 2018, p.9)

Entretanto, o uso de tecnologias digitais e comunicação como o celular, entre outras, de modo geral, não são muito utilizadas em salas de aula, um dos fatores possíveis para isto pode ser a escassez de metodologias e da temática na dos professores e gestores educacionais. A partir de 2019, o mundo experimentou uma nova realidade com a pandemia do Novo Coronavírus, na educação novos desafios também surgiram: a construção do conhecimento mediada na centralidade da relação presencial do aluno e professor em sala de aula se modificou na medida em que foi necessária a interface de Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) para que as aulas continuassem acontecendo; as propostas pedagógicas e metodológicas que já utilizavam algumas tecnologias ou ferramentas começam a ser repensadas, produzindo uma demanda por instrumentos metodológicos para atender a Educação Básica. Além disso, surgiram outras questões importantes como às levantados por Denise Silva e Francisco de Souza em seu artigo “Direito à Educação Igualitária e(m) tempos de Pandemia”:

Muitas escolas estão buscando soluções através do ensino on-line. Mas será que todas as escolas, especialmente, da rede pública, terão infraestrutura tecnológica para implementar aulas, exercícios e atividades no ciberespaço? Todas as disciplinas poderão ser lecionadas remotamente? Todos os professores terão expertise para utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC)? (SILVA; SOUZA, 2020, p.961)

A utilização pedagógica das tecnologias de informação e comunicação não constitui um fato novo: por exemplo, o rádio educativo aparece já antes da primeira guerra mundial. Porém, não foi apenas a gama das tecnologias usadas e o seu grau de complexidade que mudou com o tempo, foi também a vontade de alcançar, além do sistema escolar formal, um público cada vez mais vasto, de todas as idades, desde crianças em idade pré-escolar até a população adulta no seu conjunto (DELLORS, 1998, p. 187).

Antes um pouco do período de pandemia, vimos uma explosão de propostas curriculares EAD, que como define o próprio Ministério da Educação (MEC), trata-se da Educação a Distância, a modalidade educacional em que alunos e professores estão separados, física ou temporalmente e, por isso, faz-se necessária a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação. Este modelo tem sido alvo de questionamentos e controvérsias visto à sua prática, mas também tem sido sugerida como modalidade predominante num futuro próximo.

Grande é quantitativa de argumentos a favor da EAD, como sua flexibilidade geográfica, de acesso, tempos e lugares; riqueza da diversidade de seus interlocutores que contribuiria para debates e discussões; possibilidade de vencer barreiras internacionais, potencializando formas educacionais talvez ainda não experimentadas, dentre outros.

Mas, ter o discente como gestor do seu próprio processo de aprendizagem parece ser o grande trunfo da EAD, pois, descentraliza a figura do professor possibilitando maior difusão de saberes e conhecimentos de todos os atores envolvidos nessa rede, promovendo maior riqueza quanto à qualidade e diversidade do ensino. Além disso, retira o estudante da postura passiva de aprendiz, tornando-o autor e construtor ativo do seu processo. Entretanto quando se coloca a descentralização do papel do professor, e o estudante com maior autonomia na gestão do tempo de estudos. É possível verificar que discursos extremos sejam extremamente perigosos nesse contexto, pois podem aflorar para a banalização e o esvaziamento do sentido a profissão de docente. E, além disso, contribui para afirmações como a de, “Se posso aprender sozinho, por que preciso de alguém para me ensinar”.

Outros argumentos contrários como o sucateamento do ensino e precarização do trabalho podem ser questionados a partir das possibilidades de valorização do docente a partir da sua produção, e, menos, pela sua presença física. Para isso os conceitos mais simplórios sobre EAD que a coloca como qualquer forma de educação em que o professor se situe distante do aluno, como o vivenciado no período de pandemia onde o ensino remoto foi denominado por muitos como o sendo o EAD, torna-se necessário buscar a proximidade e, consequente qualidade, através de uma efetiva comunicação, compartilhamento de ideias, propagação de conhecimento e enriquecimento de saberes através das diversas contribuições dos mediadores que a compõem da rede de ensino, explorando a multiplicidade de seus interlocutores.

Partindo de um novo conceito e paradigma de Educação Digital OnLife, José Antônio Moreira e Eliane Schlemmer (2020, p. 27) afirmam que é notório que durante o processo de ensino e aprendizagem as TDIC se fazem presentes e necessárias. Com efeito, essa mudança de paradigma e de filosofia educacional exige uma política ativa de formação docente, de apropriação digital, a fim de propiciar a criação e o desenvolvimento de metodologias e práticas pedagógicas mais coerentes com esse tempo histórico e social e que considerem as especificidades e potencialidades dos novos meios, de modo a propiciar acréscimo em termos de qualidade, contribuindo assim para fazer emergir novas ecologias educacionais. (MOREIRA; SCHLEMMER, 2020, p. 27).

A inclusão das TDIC no pensar a educação passa primordialmente pela docência, formação de professores e a necessidade de contribuição na capacitação de todos os agentes educativos para que efetivamente seja desenvolvidos projetos de formação em que a educação digital não seja reduzida apenas ao uso pontual de meios de tecnologias e comunicação, mas que abram caminhos para possibilidades onde a educação digital seja parte presente da formação.

A ação docente requer compreensão da lógica que permeia essas tecnologias e as mudanças promovidas na forma de ensinar e aprender os saberes necessários aos docentes envolvem não apenas o conhecimento técnico básico para a manipulação das ferramentas, mas também a reflexão sobre as mudanças que elas trazem ao processo ensino-aprendizagem (ARRIDA; KIST; LANZARINI; RIZZATO, 2005 apud VELLOSO; LANNES; BARROS, 2013, p. 1).

A educação, seja na modalidade presencial ou a distância (EaD), tem um papel transformador da sociedade. Realmente existe um debate muito grande em comparação entre a EaD e os cursos presenciais. Nas duas modalidades existem defeitos e qualidades. De nada adiante um curso presencial ou a distância caso não exista o comprometimento de todos os envolvidos: Instituição, professor, aluno e os governos em sua gestão, organização e oferta.

A formação em EaD devem considerar que, muitos professores não sabem, ainda, lidar com essa modalidade e, por isso, dependendo do design e objetivos do curso deve haver critérios estabelecidos para cada público-alvo atendido. Além da clareza

que devem ter seus organizadores em evidenciar como transcorrerá o curso a distância, é imprescindível a ênfase na interação entre os participantes, com intenção de criar uma rede colaborativa entre os professores, para que possam socializar ideias, experimentar novas práticas, refletir, discutir, encontrar-se e construir conhecimentos. (RODRIGUES, 2020, p. 96)

O papel do aluno na EAD que exige do aluno uma capacidade de construir seu próprio processo de aprendizagem, isto é, o estudante precisa apresentar uma forma mais independente e autônoma para o estudo. Isso não exclui o professor que precisa indicar e direcionar as discussões e dúvidas que surgem durante todo o processo de ensino. E a instituição precisa proporcionar um ambiente adequado para que haja o aprendizado. O conjunto desses principais elementos proporciona uma qualidade no ensino.

A defesa do EAD como uma democratização da educação, se sustenta na flexibilização do espaço e do tempo, tendo na construção de argumento principalmente a formação superior. Onde no Brasil, para muitas pessoas é a única forma de acesso à educação superior, dada a dificuldade de deslocamento até uma universidade pública e os custos elevados praticada nas privadas presenciais, assim a EAD surge quase como uma esperança ou única possibilidade de estudo. Partindo disso, a educação a distância é uma forma flexibilizada de expandir a educação no Brasil, principalmente a superior e a de modelos de especializações, tanto de universidades públicas e particulares.

O ensino de EAD atualmente é uma ferramenta de suma importância na formação e preparo de profissionais. Ela possibilita que a educação chegue a lugares distantes e a pessoas com tempo e recursos financeiros limitado possibilitando formação e ingresso ao mercado de trabalho. No entanto, um ponto a ser considerado, é que a interação entre alunos, professores e tutores precisa ser melhorada, pois a formação não se dá apenas na exposição aos estudantes aos conteúdos, mas também pelas discussões e interação. No ensino EAD as principais queixas são a pouca interação entre os alunos e professores, seja por falta de suporte tecnológico da faculdade ou por não haver o estímulo à reflexão e ao debate de ideias. Outra questão é que em diversos lugares a oferta de serviços de internet ainda é precário o que atrapalha em muito o aprendizado do aluno a distância.

4 CONCLUSÃO

Estamos vivendo na “era digital” onde a informação é transmitida em grandes quantidade e velocidade. Essas possibilidades fizeram com que ao longo dos anos mudássemos vários hábitos, e cada vez mais incorporasse o uso de tecnologias no nosso cotidiano. Assim, encontra-se a educação, em processo de transformação, esta mudança passa pelo modelo de oferta através do EAD.

Claro que existem vários pontos negativos nesse modelo de ensino, mas que em momentos abordados no desenvolvimento do texto, são menores diante de uma grande parcela da população a ser beneficiada.

No contexto das sociedades atuais, a Educação a Distância surge como uma modalidade de educação que pode possibilitar formas diferentes de ver o mundo, de ensinar e aprender. Ela traz aspectos positivos ao contexto educacional, como democratização de oportunidades educacionais e possibilidade de se constituir em instrumento de emancipação do indivíduo no contexto social. Propicia a produção de conhecimento individual e coletivo, favorecido pelos ambientes digitais e interativos de aprendizagem. (MARTINS; FROM, 2016, p.2)

Além disso, quando colocamos que a EAD torna precário o trabalho do professor e forma profissionais despreparados, não podemos esquecer que a sucateamento da educação passa também por outros pontos, como os baixos investimentos e a desvalorização dos professores, e que isso está presente em todos os níveis, seja presencial ou à distância. Os problemas relacionados à qualidade da educação só serão resolvidos se houver um interesse e

busca de todos os envolvidos, profissionais envolvidos, sociedade e principalmente os órgãos responsáveis, até mesmo com uma melhor fiscalização e acompanhamento.

A EaD possui especificidades, singularidades que são inerentes à modalidade e assume também várias abordagens filosóficas, políticas e pedagógicas. A abordagem da EaD deve extrapolar o olhar sobre a universalização da educação, reconhecendo evidentemente a relevância que a modalidade proporciona na tentativa de minimizar a exclusão e considerando ser um caminho possível. (RODRIGUE, 2020, p. 96)

Como descrito acima é difícil desconsiderar que a oferta de cursos e modalidades EAD tem possibilitado que muitas pessoas possam alcançar o ensino superior e que alguns alunos do ensino básico principalmente no momento da pandemia, tivessem ou tenham não interrompam seus estudos. Entretanto, tendo como base toda a diversidade do nosso país, a falta de infraestrutura de algumas regiões para receber polos educacionais, o pouco interesse de alguns governantes, a disparidade do fornecimento de internet, a concentração de capital ao qual interessa os ganhos com universidades privadas e etc., ainda são empecilhos para que se possa dizer que o ensino EAD tem democratizado ou promovido a inclusão social. O ensino EAD ainda é restrito e concentrado em algumas regiões em desfavorecimento a outras. E esta foi uma realidade evidenciada no momento de pandemia.

[...] no momento da pandemia a falta de acesso à internet por parte dos estudantes, principalmente aqueles pertencentes às classes sociais menos favorecidas. Apenas 66 % dos domicílios com renda familiar de 1 a 2 salários-mínimos pos-suem acesso à internet, e nas famílias que recebem até 1 salário-mínimo, esse número cai para 47 % (CGI, 2018). Levando em consideração que 35,9% dos estudantes das universidades federais enquadraram-se na renda salarial familiar de até dois salários-mínimos (ANDIFES, 2019), boa parte desse alunado ficaria impossibilitado de acompanhar as aulas on-line. (SOARES; SILVA, 2020, p. 8)

Também nesse período que foi vivenciado, o ensino remoto se mostrou fundamental para que o sistema de ensino brasileiro pudesse enfrentar as dificuldades impostas. Com isso, o formato EAD não pode ser considerado um problema, mas sim um dos caminhos para a melhoria do complexo processo educacional do nosso País. Devemos, no entanto, temos em mente o que Michael Potashnik e Joanne Capperp membros da Equipe de Educação e Tecnologia do Banco Mundial, já nos chamava atenção e, 1998:

As novas tecnologias oferecem opções para expandir a oportunidade educacional e melhorar a sua qualidade, mas decisões incorretas sobre o uso ou não de tecnologia ou que tipo de tecnologia usar podem sair caras e frustrar o êxito de um programa de educação a distância. Infelizmente, as informações necessárias para essa tomada de decisão são limitadas. Deve-se ter o cuidado de evitar que a novidade da tecnologia oriente decisões relativas ao modo de entrega mais apropriado dos programas de educação a distância, sobrepondo-se às decisões mais importantes relativas ao currículo e à qualidade da instrução. Quando a educação convencional ou o treinamento dos professores de um país não são efetivos, o uso de novas tecnologias para realizar essa educação ou treinamento não conseguirá melhorá-los. (POTASHNIK; CAPPERP, 1998 p. 45).

É preciso que a oferta EAD e o uso das tecnologias digitais no processo educacional sejam pautados na ética e no compromisso com a educação em todos os seus âmbitos, tanto por parte dos governantes e instituições gestoras e de oferta, como por parte de todos outros os envolvidos nesta relação, desde professores a educandos. Para que o processo de educação seja algo que produza mais frutos com qualidade e férteis na sociedade, é necessário um empenho e seriedade de todos.

REFERÊNCIAS

AULER, Décio. **Alfabetização Científico-Tecnológica para quê?** Ensaio. Belo Horizonte: v. 3, n. 2, p. 105-115, 2001.

BORGE, Iara Farias. **Déficit na alfabetização dobrou com a pandemia.** 2022. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2022/09/19/deficit-na-alfabetizacao-dobroucomapandemia#:~:text=REPORTAGEM%20DE%20IARA%20FARIAS%20BORGE%20S,%20C8%25%20%20no%20%20ano%20%20passado>>. Acesso em 02 mar. 2023.

BRASIL. **BNCC: Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em 01 mar. 2023.

DELLORS, Jacques et al. **Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI.** São Paulo: Cortez Editora, 1998. Disponível em: <http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf>. Acesso em 02 mar. 2023.

MARTINS, Karine; FROM, Danieli Aparecida. **A importância da educação a distância na sociedade atual.** 2016, p. 1-8. Disponível em: <<http://www.assessoritec.com.br/wpcontent/uploads/sites/641/2016/12/Artigo-Karine.pdf>>. Acesso em: 23 de mar, 2020.

MOREIRA, José António; SCHLEMMER, Eliane. **Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife.** Revista UFG, v. 20, 2020.

OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro; LISBÔA, Eliene Soares dos Santos; SANTIAGO, Nilza Bernardes. **Pandemia do coronavírus e seus impactos na área educacional.** Belo Horizonte: Pedagogia em Ação, v.13, n. 1, 1 sem., 2020.

POTASHNIK, Michael & CAPPER, Joanne. **Educação a distância: crescimento e diversidade.** In: Finanças e Desenvolvimento. Rio de Janeiro: FMI/FGV, v. 18, n. 1, 1998. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/13/39/o-papel-do-tutor-na-ead-tutoria-a-distancia-diferentes-funcediltildees-diferentes-competencias>>. Acesso em 20 mar. 2023.

RODRIGUES, Willams dos Santos. **A Formação Inicial de Professores na EAD: desafios e perspectivas no processo educacional.** Santos: Revista Paidéi@. Unimes Virtual. v. 12, n. 22., 2020. Disponível em: <<https://periodicos.unimesvirtual.com.br/index.php/paideia/index>>. Acesso em 20 out. 2023.

SCHUELER, Paulo. **O que é uma pandemia?** 2021. Disponível em: <<https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>>. Acesso em 10 out. 2023.

SILVA, Denise dos Santos Vasconcelos; SOUZA, Francisco Cavalcante de. **Direito à educação igualitária e(m) tempos de pandemia: desafios, possibilidades e perspectivas no**

Brasil. Lisboa: Revista Jurídica Luso-Brasileira. Ano 6 (2020), nº 4, 961-979. 2020.

SOARES, R. de A.; SILVA, G.A.e. **Regulamentos da EaD no Brasil e o Impacto da Portaria Nº 343/2020 no Ensino Superior.** EaD em Foco, v. 10, n.3, e1043, 2020.

VELLOSO, Andrea; LANNES, Denise; BARROS, Solange. **O papel do tutor na EaD... Tutoria a distância: diferentes funções, diferentes competências.** Rio de Janeiro: Revista Educação Pública. 2013. Disponível em:
<<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/13/39/o-papel-do-tutor-na-ead-tutoria-a-distancia-diferentes-funcoes-diferentes-competencias>>. Acesso em 20 out. 2023.